Um olhar antropológico sobre o histórico e a cultura do entorpecimento

Autor(res)

Alessandro Aguiar De Paula
João Pedro Schmidt Costa

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

UNIFIL - CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA

Introdução

O consumo de substâncias psicoativas acompanha a trajetória da humanidade desde os primórdios. Mais do que apenas compostos químicos com efeitos sobre o corpo e a mente, as drogas se configuram como elementos centrais em práticas culturais, religiosas e sociais. O olhar antropológico revela que, em diferentes sociedades, substâncias como a maconha, a ayahuasca, o álcool ou o tabaco desempenharam funções rituais, medicinais e simbólicas. Contudo, processos históricos e políticos moldaram o modo como a sociedade ocidental passou a compreender as drogas, associando-as a criminalidade e patologias (Zinberg, 1984; Becker, 1953, 1966; Escohotado, 1992; Calado, 2016, 2021).

Objetivo

Investigar a relação entre cultura, identidade e uso de substâncias psicoativas, analisando as construções sociais em torno das drogas e seus efeitos nas dinâmicas individuais e familiares.

Material e Métodos

O estudo foi elaborado a partir de revisão bibliográfica e análise de referenciais teóricos em Antropologia, Psicologia e Saúde Pública. Foram considerados trabalhos clássicos e contemporâneos, incluindo autores como Howard Becker, Norman Zinberg, Donald Brown e referências da Organização Mundial da Saúde e da ONU. A metodologia envolveu a sistematização de conceitos e tipologias de drogas, bem como a análise crítica da literatura sobre dependência química e codependência familiar, a fim de compreender o fenômeno em uma perspectiva biopsicossocial.

Resultados e Discussão

A análise evidenciou que o conceito de droga é historicamente construído, com forte influência de interesses políticos e econômicos. Observou-se que diferentes culturas utilizam substâncias psicoativas de modos diversos, ora ritualísticos, ora recreativos, revelando que seu caráter positivo ou negativo é socialmente atribuído. Zinberg (1984) demonstra que o uso compulsivo não é uma consequência inevitável das drogas, mas depende do contexto sociocultural. Becker (1953, 1966) evidenciou o papel da aprendizagem social na experiência psicoativa. Escohotado (1992) analisou os contextos históricos do uso de drogas, evidenciando sua influência cultural e social. Calado (2016, 2021) contribui com uma abordagem sociocultural das drogas, explorando usos históricos e

contemporâneos.

Conclusão

O uso de substâncias psicoativas não pode ser reduzido a uma escolha individual, mas deve ser entendido como produto de interações entre indivíduo, cultura e contexto social. A análise demonstra que as drogas são fenômenos sociais e simbólicos, e que a dependência química impacta não apenas o usuário, mas também seu círculo familiar, configurando-se como uma 'doença familiar'.

Referências

BECKER, H. S. Becoming a Marihuana User. American Journal of Sociology, v. 59, n. 3, p. 235-242, 1953.
BECKER, H. S. Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance. New York: The Free Press, 1966.
CALADO, Vasco Gil. A antropologia e a perspetiva sociocultural das drogas. Análise Social, v. LVI, n. 3, p. 498519, 2021. DOI: 10.31447/AS00032573.2021240.04.
CALADO, Vasco Gil. As drogas em combate: usos e significados das substâncias psicoativas na Guerra Colonial Portuguesa (19611974). Etnográfica, v. 20, n. 3, p. 471494, 2016. DOI: 10.4000/etnografica.4628.
ESCOHOTADO, Antonio. Historia general de las drogas. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
ZINBERG, Norman E. Drug, Set, and Setting: The Basis for Controlled Intoxicant Use. New Haven: Yale University Press, 1984.
BROWN, Donald E. Human Universals. New York: McGraw-Hill, 1991.